

## Propriedades predicativas dos verbos leves: estrutura argumental e eventiva

Anabela Gonçalves\*, Luís Filipe Cunha<sup>^</sup>, Matilde Miguel\*, Purificação  
Silvano<sup>^</sup> & Fátima Silva<sup>+</sup>

\*Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

<sup>^</sup>Centro de Linguística da Universidade do Porto

<sup>+</sup>Faculdade de Letras da Universidade do Porto

### Abstract

This paper aims at describing the predicative features of light verbs *dar*, *fazer* and *ter* followed by deverbal nominalizations, showing that they are not mere functional elements, nor auxiliary verbs, but they share some properties with full verbs. In this sense, those constructions constitute complex predicates, generated in syntax. We also argue for a narrow interaction between the features of the selected nominalizations and some properties of the light verbs inherited from the corresponding full verbs, which restricts the possibilities of combinations between the light verbs and the aspectual classes of the nominal predicates.

**Keywords:** Complex predicate, light verbs, nominalizations, aspect, syntax, semantics.

**Palavras-chave:** Predicado complexo, verbos leves, nominalizações, aspecto, sintaxe, semântica.

### 1. Introdução

O presente trabalho visa descrever construções com predicados complexos do Português Europeu (PE) que envolvem um verbo leve, mais especificamente os verbos leves *dar*, *fazer* e *ter*, e um nome deverbal, como ilustrado em (1):

(1) a. O Rui deu uma corrida.

- b. Fizeram um assalto.
- c. Tiveram uma viagem agradável<sup>1</sup>.

No que segue, é nosso objectivo (i) apresentar um conjunto de propriedades que constituam argumentos a favor da ideia de que os verbos leves são predicados; (ii) argumentar a favor do estatuto de predicado complexo da construção que envolve um verbo leve e um nome deverbal; (iii) propor, para os verbos leves, uma descrição baseada em traços das classes aspectuais propostas por Moens (1987) (cf. Dowty 1979, Smith 1991, Scher 2005, Harley 2009, entre outros); (iv) defender que a diferença crucial entre os verbos leves e os verbos principais correspondentes, em termos de *aktionsart*, reside na subespecificação de alguns ou de todos os traços dos primeiros; (v) propor que a valoração dos traços interpretáveis subespecificados do verbo leve ocorre na componente sintáctica, nível em que se forma o predicado complexo, por verificação (*Checking*) / concordância (*Agree*) com os traços interpretáveis e valorados do nome com o qual o verbo se combina.

## 2. Propriedades da sequência <verbo leve-nome>

Trabalhos anteriores<sup>2</sup> sobre construções do tipo exemplificado em (1) mostraram (i) que o verbo que nelas ocorre não é um elemento puramente funcional<sup>3</sup>, nem um auxiliar<sup>4</sup>; (ii) que esse verbo leve e o nome derivado, que integra o argumento interno, contribuem ambos para a determinação das propriedades do predicado complexo, e (iii) que os dois elementos participam na formação da estrutura argumental e na atribuição dos papéis temáticos, através da combinação das suas estruturas temáticas<sup>5</sup>.

Estas hipóteses encontram fundamentação num certo número de propriedades das sequências que envolvem um verbo leve e um nome deverbal que evidenciam a estreita interacção dos dois constituintes na computação destas construções.

### 2.1. Propriedades gerais da construção

Como mostram os exemplos de (1) a (4), é geralmente possível parafrasear a

<sup>1</sup> Com o verbo leve *ter*, a presença de um modificador é obrigatória, pelo que todos os exemplos contêm modificação. Nos casos dos verbos *dar* e *fazer*, como a presença do modificador não é obrigatória, só serão tratados exemplos em que ela não ocorre.

<sup>2</sup> No que respeita ao português europeu, pode encontrar-se motivação para as propriedades listadas em (i)-(iii) em Duarte, Gonçalves & Miguel (2006).

<sup>3</sup> Para a caracterização dos verbos leves como elementos funcionais, vejam-se Gross (1981) e Grimshaw e Mester (1988).

<sup>4</sup> Vejam-se Hook (1974) e Abeillé *et al.* (1998) para uma análise que considera os verbos leves idênticos a verbos auxiliares.

<sup>5</sup> Veja-se Grimshaw & Mester (1988), Butt (1995, 2003), Samek-Ludovici (2003) e Scher (2003, 2006).

sequência <V leve + N> por um verbo pleno, morfológicamente relacionado com o nome, o que mostra que este último contribui para a interpretação semântica da construção (compare-se (2a)-(4a) com (2b)-(4b)):

- (2) a. O presidente *deu alguns conselhos* ao governo.  
b. O presidente *aconselhou* o governo.
- (3) a. O primeiro-ministro *fez um discurso* no Parlamento.  
b. O primeiro-ministro *discursou* no Parlamento.
- (4) a. O presidente *teve uma conversa* com o primeiro-ministro.  
b. O presidente *conversou* com o primeiro-ministro.

Nesta construção, o argumento externo do verbo leve controla o evento denotado pelo nome. Observem-se, a este respeito, os exemplos (5) e (6):

- (5) *Os deputados da oposição* deram uma contribuição decisiva para o debate.
- (6) a. \**Os deputados da oposição* deram uma contribuição decisiva dos *sindicatos* para o debate.  
b. \**Os deputados da oposição*<sub>i</sub> deram uma contribuição decisiva *deles*<sub>i</sub> / *sua*<sub>i</sub> para o debate.

Em (5), o argumento externo do verbo leve é o controlador do evento denotado pelo nome *contribuição* e a sequência é gramatical; em (6), o controlador potencial do evento encaixado ocorre internamente ao domínio nominal, o que gera uma sequência agramatical se o verbo for claramente interpretado como verbo leve, como no exemplo (6b). A obrigatoriedade do controlo do evento encaixado, denotado pelo nome deverbal, pelo argumento externo do verbo leve, qualifica este último como um verbo de controlo.

Uma outra propriedade dos verbos leves do PE consiste na existência de duas possibilidades de (pseudo-)clivar os complementos do verbo leve. Em construções com verbos leves, homónimos de verbos plenos de três lugares, como é o caso de *dar*, paralelamente à possibilidade de (pseudo-)clivar cada um dos argumentos internos (cf. (7b,c)), é possível deslocar simultaneamente ambos os argumentos internos, como patente em (7d), contrariamente ao que acontece em construções que envolvem verbos plenos (veja-se a agramaticalidade de (8d)). A possibilidade de deslocação simultânea dos dois argumentos sugere que o argumento *benefactivo* pode estar associado à grelha argumental do nome deverbal seleccionado pelo verbo leve.

- (7) a. O orientador deu sugestões interessantes ao estudante de doutoramento.  
b. Foi *ao estudante de doutoramento* que o orientador deu sugestões interessantes  
c. O que o orientador deu ao estudante de doutoramento foram *sugestões interessantes*.  
d. O que o orientador deu foram *sugestões interessantes ao estudante de doutoramento*.
- (8) a. O orientador deu um livro ao estudante de doutoramento.  
b. Foi *ao estudante de doutoramento* que o orientador deu um livro,  
c. O que o orientador deu ao estudante de doutoramento foi *um livro*.

d. ??O que o orientador deu foi *um livro ao estudante de doutoramento*.

Finalmente, o argumento interno directo do verbo leve pode variar em número, determinação, quantificação e modificação (cf. (9)). Esta característica distingue estas construções, muito produtivas, de expressões lexicalizadas, em que esta variação não é possível (cf. (10)).

(9) a. O presidente fez um discurso (notável) no Parlamento.

b. O presidente fez dois/vários/alguns discursos (notáveis) no Parlamento.

(10) a. Ela agarrou o (\*enorme) touro pelos cornos.

b.\* Ela agarrou dois/vários/alguns touros pelos cornos.

## 2.2. Argumentos a favor do estatuto predicativo dos verbos leves

A ideia de que os verbos leves não se qualificam apenas como meros elementos funcionais, fornecendo apenas informação morfológica (tempo, modo e aspecto), nem como verbos auxiliares (desprovidos de propriedades de selecção), encontra motivação nos seguintes dados:

A. *Os verbos leves podem preservar a estrutura argumental do verbo pleno correspondente:*

A observação de verbos de três lugares (cf. (11)) mostra que o verbo leve *dar*, em (11b), preserva tipicamente o mesmo número de argumentos que o verbo pleno *dar* em (11a)<sup>6</sup>. Por sua vez, os verbos *fazer* e *ter* comportam-se como predicados de dois lugares, quer no contexto de uma construção com o verbo pleno – em (12a), para o verbo *fazer*, e em (13a), para o verbo *ter* – quer no contexto de uma construção com os verbos leves homónimos, como pode ser confirmado, em (12b) e (13b), para *fazer* e *ter*, respectivamente.

(11) a. O Pedro deu *uma gravata ao pai*.

b. O Pedro deu *uma olhadela ao texto*.

(12) a. O Pedro fez *uma casa enorme*.

b. O Pedro fez *um sorriso triste*.

(13) a. O Pedro já teve *dois peixes vermelhos*.

b. O Pedro já teve *uma conversa interessante com o professor*.

B. *Contrariamente aos auxiliares, os verbos leves também são responsáveis pela selecção semântica do argumento externo.*

Este facto encontra-se comprovado pelos exemplos (14) e (15). Assim, em (14a- b), o verbo pleno *empurrar* selecciona um argumento externo *causa*, com o traço [ $\pm$ animado]. Já em (15), no contexto de uma construção com verbo leve, embora o nome *empurrão*

<sup>6</sup> Note-se, no entanto, que nem sempre a construção verbo leve *dar* + *nominalização* mantém três argumentos. Isso depende da nominalização, como se pode verificar em *dar um passeio* e *dar um espirro*.

seja formado sobre a base do verbo *empurrar*, só é admitido um argumento externo *causa*, com o traço [+animado], em conformidade com as propriedades de selecção-s do verbo leve *dar*.

- (14) a. O João tinha empurrado o carro que estava estacionado.
- b. A chuva tinha empurrado o carro que estava estacionado.
- (15) a. O João deu um empurrão ao carro que estava estacionado.
- b.\* A chuva deu um empurrão ao carro que estava estacionado.

C. *Os verbos leves preservam parte do significado e da estrutura argumental dos verbos plenos correspondentes.*

O verbo pleno *dar* (cf. (16)) expressa uma mudança de localização de uma entidade *y*, possuída por *x* e transferida para *z*, como resultado de uma acção intencional de *x*; há, pois, a presença de um controlador (*causa*), uma mudança de localização e uma transferência (cf. Dowty, 1979; Butt & Geuder, 2001). Note-se que a presença de um controlador e a ideia de transferência de *x* para *z* se encontram preservadas pelo verbo leve (cf. (17)).

- (16) (O João)<sub>x</sub> deu (uma gravata)<sub>y</sub> (ao pai)<sub>z</sub>.
- (17) a. (O João)<sub>x</sub> deu (um abraço)<sub>y</sub> (ao pai)<sub>z</sub>.
- b. (O João)<sub>x</sub> deu (muitas preocupações)<sub>y</sub> (ao pai)<sub>z</sub>.

Por sua vez, o verbo pleno *fazer* é um predicado causativo de dois lugares que implica mudança de estado e em que o argumento *benefactivo* opcional ocorre sob a forma de dativo ou de sintagma preposicional oblíquo (cf. a preposição *para*, em (17a)). Este argumento benefactivo ocorre também na construção em que *fazer* é um verbo leve, embora, neste caso, ocorra apenas sob a forma de um dativo (cf. (17b)).

- (17) a. O Pedro fez uma casa na árvore (às / para as crianças).
- b. O filme fez muita aflição / impressão às crianças.

Finalmente, *ter*, enquanto verbo pleno, é um estativo de dois lugares que expressa uma relação de posse / localização entre duas entidades (cf. (18a)). A construção com o verbo leve mantém a estrutura argumental de dois lugares (cf. (18b)), mas, neste caso, a preposição que encabeça o constituinte preposicional é aquela que é requerida pela grelha argumental do nome (cf. (19)).

- (18) a. O Pedro tem uma casa no campo.
- b. O Pedro tem algum receio de aranhas.
- (19) a. o receio *de* aranhas, uma conversa *com* os pais, muito orgulho *na* família
- b. O Pedro teve uma conversa importante *com* os pais.
- c. O Pedro tem muito orgulho *na* família.

As características dos verbos leves listadas na presente secção mostram que estes preservam, efectivamente, grande parte das propriedades de selecção manifestadas pelos verbos plenos correspondentes. Mostram, adicionalmente, que o constituinte mais encaixado se encontra encabeçado por uma preposição prevista na grelha argumental do verbo; contudo, também pode ser encabeçado por uma preposição prevista na grelha argumental do nome deverbal (veja-se (15a), (17a) e (19)), indicando que quer o verbo

leve, quer o nome deverbal contribuem, em termos de *output*, para as propriedades do predicado complexo obtido nestas construções.

### 2.3. Argumentos a favor do estatuto de predicado complexo da construção <verbo leve+nome deverbal>

Na secção anterior, mostrámos que os verbos leves do Português europeu apresentam propriedades predicativas, o que os aproxima dos verbos plenos homónimos. Nesta secção, serão apresentados argumentos adicionais a favor desta ideia e argumentos que nos permitem concluir que o verbo leve e o nome com que este se combina formam um predicado complexo.

Contrariamente ao que acontece com os verbos plenos correspondentes, os verbos leves seleccionam um *tema* que denota uma situação e não uma entidade. Esta ideia assenta em dois argumentos centrais.

Em primeiro lugar, podem ocorrer adjectivos aspectuais internamente ao *tema*, como podemos verificar em (20). Ora, este tipo de adjectivos não ocorre internamente a DPs que denotam entidades (cf. (21)):

- (20) a. O Pedro tem dado uma ajuda permanente/ocasional à Cruz Vermelha.  
 b. O Pedro fez uma intervenção interminável/rápida no debate.  
 c. Kissinger teve uma influência duradoura/pontual na política externa americana.
- (21) a.\* O Pedro deu um livro permanente/ocasional ao pai.  
 b.\* O Pedro fez um bolo interminável/pontual para o filho.  
 c.\* O Pedro teve uma namorada interminável/pontual.

Em segundo lugar, se o núcleo do *tema* for um nome que selecciona argumentos internos, um desses argumentos deve estar presente ou ser recuperável discursivamente, o que, segundo Grimshaw (1990), constitui um critério pertinente para a identificação de nomes com conteúdo eventivo – veja-se o contraste entre (22) e (23).

- (22) a. O presidente deu alguns conselhos *ao governo*.  
 b. O primeiro-ministro fez a apresentação *da nova lei* no Parlamento.  
 c. O presidente teve uma conversa *com o primeiro-ministro*.
- (23) a.? O presidente deu alguns conselhos.  
 b.? O primeiro-ministro fez uma apresentação.  
 c.?? O presidente teve uma conversa.

Os dados em (20)-(23) ilustrem a diferença entre verbos plenos e verbos leves. No entanto, alguns verbos leves admitem alternâncias, tal como acontece com alguns verbos plenos.

Veja-se, em primeiro lugar, o exemplo (24), que faz intervir construções com *fazer*, verbo leve, de alternância causativa (24a) e incoativa (24b). Repare-se, contudo, que estas alternâncias não são admitidas nem pelo verbo pleno correspondente (cf. (25)), nem pelo verbo com que o nome está morfologicamente relacionado (cf. (26)).

(24) a. Esse cirurgião fez uma operação difícil. (causativa)

b. A Maria fez uma operação difícil (com esse cirurgião). (incoativa)

(25) a. O Pedro fez um veleiro.

b. \*O veleiro fez-se com o Pedro.

(26) a. Esse cirurgião operou a doente.

b. \*A doente operou-se com esse cirurgião.

Encontramos ainda alternâncias que envolvem pares em que o verbo leve *dar* alterna com *ter* (27), o que altera a classe aspectual da eventualidade da construção.

(27) a. O Pedro deu muitas preocupações aos pais. (processo)

b. Os pais tiveram muitas preocupações com o Pedro. (estado)

Note-se que a alternância encontrada em construções com o verbo pleno *preocupar* não afecta o tipo de eventualidade (cf. (28)).

(28) a. O Pedro preocupou os pais. (processo)

b. Os pais preocuparam-se com o Pedro. (processo)

Dos dados apresentados nesta secção podemos concluir que (i) o verbo leve e o nome deverbal formam um predicado complexo e que (ii) as propriedades do predicado complexo são distintas quer das do verbo pleno correspondente quer das da base verbal do nome e decorrem da computação das propriedades combinadas do verbo leve e do seu complemento nominal.

## 2.4. Síntese

Na presente secção apresentaram-se argumentos apoiando a hipótese de que as construções com um verbo leve e um nome derivado exibem propriedades intrínsecas. Por um lado, verificou-se que os verbos leves preservam parte das propriedades evidenciadas pelos verbos plenos homónimos, e, logo, retêm as propriedades predicativas destes últimos. Em particular, (i) podem preservar parte do significado e da estrutura argumental dos verbos plenos correspondentes; (ii) seleccionam um argumento interno directo, que pode variar em número, determinação, quantificação e modificação e (iii) são responsáveis pela selecção semântica do argumento externo. Por outro lado, defendeu-se que as construções com verbos leves se afastam daquelas que envolvem verbos plenos (i) pelo facto de poderem geralmente ser parafraseadas por um verbo pleno, morfologicamente relacionado com o nome; (ii) por os verbos leves seleccionarem obrigatoriamente um *tema* que denota uma situação e não uma entidade; (iii) por o argumento externo do verbo leve controlar obrigatoriamente o evento denotado pelo nome derivado, em posição de argumento interno directo; (iv) por admitirem alternâncias que nem sempre se verificam com os verbos plenos correspondentes.

A secção que se segue tem como objectivo central motivar a hipótese de que o verbo leve impõe restrições de ordem aspectual ao nome deverbal, em posição de complemento interno directo, núcleo da situação encaixada.

### 3. Propriedades aspectuais da construção

Embora conscientes do facto de existirem morfemas nominalizadores que podem alterar as propriedades aspectuais da base verbal a partir da qual o nome é formado<sup>7</sup>, por razões de clareza, em tudo o que se segue, assumiremos a validade da hipótese da preservação do valor aspectual dos nomes deverbais (cf. *Aspectual Preserving Hypothesis* em Marín & McNally, 2009), e tentaremos mostrar que os verbos leves são sensíveis à classe aspectual do nome com o qual se combinam, examinando o comportamento de *ter*, *fazer e dar*, respectivamente.

#### 3.1. O verbo leve *ter*

O verbo *ter* é o mais flexível dos três verbos leves. Ocorre com nomes deverbais de todas as classes aspectuais, desde que o nome contenha algum tipo de modificação. Vejam-se os exemplos de (29) a (33), que ilustram essa possibilidade.

- (29) Os turistas tiveram uma viagem agradável. (processo)  
 (30) O edifício teve uma construção difícil. (processo culminado)  
 (31) O atleta teve uma chegada triunfal. (culminação)  
 (32) Cristiano Ronaldo teve um toque genial. (ponto)  
 (33) A Maria teve uma vida fascinante. (estado)

*Ter* parece não alterar as propriedades aspectuais do nome com que se combina, como mostra a compatibilidade das construções em (34-36) com os vários adverbiais de tempo que permitem identificar as diferentes classes aspectuais associadas às predicções verbais de que são derivados esses nomes.

- (34) O Pedro teve um passeio agradável (durante meia hora).  
 (35) A máquina teve uma montagem completa (em meia hora).  
 (36) O helicóptero teve uma queda estrondosa (às dez da manhã).

Note-se, contudo, que a informação veiculada pelo adjectivo é determinante. Com efeito, nos exemplos de (37), por influência do adjectivo, remete-se para o desenvolvimento do processo associado à leitura do artigo (ver (37a)), ou para o estado resultante do evento de *ler o artigo* (cf. (37b)):

- (37) a. Este artigo teve uma leitura *difícil*.  
 b. Este artigo teve uma leitura *proveitosa*.

<sup>7</sup> Veja-se, por exemplo, o caso do morfema [-ada], muito produtivo em português brasileiro, que modifica predicados atélicos, tornando-os predicados ‘télicos minimizados’ (cf. Scher, 2005), como ilustrado pelo contraste entre (ia) e (ib).

- (i) a. Vou andar de bicicleta (durante duas horas).  
 b. Vou dar uma *andada* de bicicleta (\*durante duas horas). (PB)  
 Em português europeu, observa-se o mesmo fenómeno com o morfema nominalizador [-*dela*].  
 (ii) a. Olhei para o quadro (durante meia-hora).  
 b. Dei uma *olhadela* ao quadro (\*durante meia-hora). (PE)

### 3.2. O verbo leve *fazer*

O verbo leve *fazer* não se pode combinar com estados nem com pontos (cf. (38)). Esta impossibilidade deve-se ao facto de estas classes aspectuais não disporem de fases na sua estrutura temporal, pelo que não satisfazem os requisitos essenciais para se combinarem com *fazer*.

- (38) a. \*O João fez uma vida.  
b. \*O João fez um espirro.

Quando combinado com nominalizações que denotam processos culminados e processos, observa-se que o verbo leve *fazer* ou preserva as propriedades aspectuais dos nomes, como em (39), ou altera essas características, acrescentando uma culminação aos processos, como se pode verificar em (40).

- (39) a. O João fez uma leitura do artigo em cinco minutos / # durante cinco minutos.  
b. A Maria fez uma caminhada durante meia hora.  
(40) a. O deputado fez um discurso em meia hora.  
b. O Pedro fez uma caminhada em meia hora.

No que respeita a combinações do verbo leve *fazer* com nomes que derivam de culminações, apenas um número reduzido de entre elas é admitido, como se pode constatar pelo contraste entre os exemplos em (41a), que ilustram sequências agramaticais, e os de (41b-d), gramaticais.

- (41) a. \*A Maria fez uma chegada / um nascimento / um desaparecimento.  
b. O ladrão fez um assalto.  
c. O exército fez um ataque à cidade.  
d. O vento fez um estrago no telhado.

O comportamento pouco consistente de *fazer*, na sua possibilidade de combinação com nomes derivados de culminações, parece poder encontrar duas explicações. A primeira hipótese prende-se com restrições sobre a classe sintáctica da base verbal a partir da qual são construídos os nomes. De facto, na secção anterior mostrou-se que o verbo leve é responsável pela selecção semântica do argumento externo. Ora, os predicados complexos com *fazer* requerem um argumento externo com a função semântica de *agente / causa*; sendo as culminações em (41a) nominalizações derivadas de verbos inacusativos, cujo argumento único não recebe essa função semântica, a agramaticalidade desses exemplos poderá decorrer do facto de o argumento externo da construção não se qualificar como controlador do evento encaixado. A segunda hipótese prende-se com requisitos de ordem aspectual: os predicados complexos com *fazer* só admitem culminações que podem ser convertidas em processos culminados, por acréscimo de um processo preparatório à sua estrutura aspectual básica, como em (42).

- (42) a. O ladrão fez um assalto em cinco minutos.  
b. O exército fez um ataque à cidade em duas horas.

### 3.3. O verbo leve *dar*

O verbo leve *dar* é o mais restritivo dos três. Em primeiro lugar, não é compatível nem com estados nem com culminações, como mostra a agramaticalidade de (43) e (44):

(43) \*O João deu um gosto / uma vida.

(44) \*A Maria deu um nascimento / um assalto à casa.

Em segundo lugar, a sua ocorrência com nomes que denotam processos ou processos culminados não é consistente. *Dar* apenas se combina com alguns processos, como se pode verificar pelo contraste entre (45a), gramatical, e (45b), agramatical, e com alguns processos culminados, como mostra o contraste entre (46) e (47).

(45) a. O João deu um passeio / uma corrida / uma caminhada.

b.\* A Maria deu um trabalho / uma perseguição / uma fuga / uma dança.

(46) a. O Pedro deu uma pintura à casa.

b. O Pedro deu uma leitura ao artigo.

(47) a.\* O pedreiro deu uma construção à casa.

b.\* O Pedro deu um resumo ao artigo.

Em contrapartida, como indica o exemplo (48), abaixo, *dar* é compatível com pontos.

(48) Cristiano Ronaldo deu um espirro / um toque na bola.

### 3.4. Síntese

Nesta secção, mostrou-se que os verbos leves são sensíveis às propriedades aspectuais do nome deverbal com o qual se combinam.

Defendeu-se que *ter* se combina com nomes eventivos de todas as classes aspectuais, embora estes requeiram algum tipo de modificação e que, se o modificador do nome for um adjectivo, este pode incidir sobre uma fase do processo ou sobre o estado consequente da situação, dependendo da base verbal do nome.

Quanto a *fazer*, vimos que este verbo leve se combina com situações providas de uma estrutura interna complexa, i.e., com nomes derivados de alguns processos, de processos culminados e de culminações, mas não com nomes derivados de estados ou pontos. Embora possa, em certos casos, preservar a classe aspectual de base do nome, *fazer* revela uma forte tendência para transformar toda a estrutura em processo culminado. De facto, como o verbo leve *fazer* deriva de um processo culminado, tende a preservar ou a acrescentar estrutura a toda a construção.

Finalmente, *dar* combina-se com alguns processos, com processos culminados e pontos, mas não admite estados nem culminações. Como este verbo deriva de uma culminação, tende a reduzir a estrutura e / ou duração da situação denotada pelo predicado complexo.

#### 4. Derivação das propriedades aspectuais do predicado complexo

##### 4.1. Propriedades aspectuais dos verbos leves e dos verbos plenos correspondentes

Tem sido defendido que as propriedades aspectuais das classes de verbos, como descritas em Vendler (1967), podem ser caracterizadas em termos de um conjunto de traços (cf. Dowty, 1979; Smith, 1991; Scher, 2005, entre outros). No quadro da Morfologia Distribuída, Harley (2009:333) propõe, para os morfemas *verbalizadores* que formam verbos plenos, a especificação de traços que reproduzimos em (49). Tomaremos esta tipologia como ponto de partida para a nossa análise:

- (49) a.  $V_{\text{CAUSE}}$ : [+dynamic], [+ change of state], [+cause]  
 b.  $V_{\text{BECOME}}$ : [+dynamic], [+ change of state], [-cause]  
 c.  $V_{\text{DO}}$ : [+dynamic], [- change of state], [-cause]  
 d.  $V_{\text{BE}}$ : [-dynamic], [- change of state], [-cause]

Tendo em conta as propriedades semânticas das diferentes classes aspectuais a classificação sugerida pela autora parece insuficiente. Assim, propomos as seguintes alterações à proposta de Harley (2009):

- (i) manter os traços [ $\pm$  dinâmico], [ $\pm$  causa];  
 (ii) adoptar o traço [ $\pm$  mudança], que opera sobre mudança de estado, de localização e de posse;  
 (iii) introduzir o traço [ $\pm$  durativo], para distinguir processos culminados, processos e estados de culminações e pontos;  
 (iv) introduzir o traço [ $\pm$  instant(âneo)], para distinguir pontos de todas as outras classes (veja-se Smith, 1991).

Estas alterações permitem-nos reformular (49) como em (50), em que o verbo pleno *fazer* corresponde a (50a), o verbo pleno *dar*, a (50b) e o verbo pleno *ter*, a (50d).

- (50) a.  $V_{\text{CAUSE}}$ : [+dynamic], [+ change], [+cause], [+durative], [-instant] (FAZER)  
 b.  $V_{\text{BECOME}}$ : [+dynamic], [+ change], [-cause], [-durative], [-instant] (DAR)  
 c.  $V_{\text{DO}}$ : [+dynamic], [- change], [-cause], [+durative], [-instant]  
 d.  $V_{\text{BE}}$ : [-dynamic], [- change], [-cause], [+durative], [-instant] (TER)  
 e.  $V_{\text{DO\_INSTANT}}$ : [+dynamic], [- change], [-cause], [-durative], [+instant]

Tendo em conta a caracterização em termos de traços aspectuais dos verbos plenos proposta em (50), a nossa hipótese é a de que os verbos leves diferem dos verbos plenos por se encontrarem subespecificados para alguns traços aspectuais, como ilustrado em (51):

- (51) a.  $\text{dar}_{\text{leve}}$ : [+dinâmico], [-mudança], [ $\pm$  causa], [ $\pm$  durativo], [ $\pm$  instant]  
 b.  $\text{fazer}_{\text{leve}}$ : [+dinâmico], [ $\pm$ mudança], [ $\pm$ causa], [ $\pm$ durativo], [-instant]  
 c.  $\text{ter}_{\text{leve}}$ : [ $\pm$  dinâmico], [ $\pm$  mudança], [ $\pm$  causa], [ $\pm$  durativo], [ $\pm$  instant]

Adicionalmente, assumimos que os nomes deverbais mantêm os traços dos verbos com que se encontram relacionados. A caracterização dos verbos e dos nomes através

destes traços é crucial para dar conta das possibilidades combinatórias nas construções descritas, como mostraremos na secção seguinte.

#### 4.2. Exclusão das combinatórias <V<sub>leve</sub> + N> agramaticais

A caracterização dos verbos leves apresentada em (51) bem como a matriz de traços associada ao nome deverbal permite excluir algumas combinatórias <V<sub>leve</sub> + N> agramaticais apresentadas na secção 3. Assim,

(i) Os verbos leves *dar* e *fazer* dispõem do traço [+dinâmico], não podendo combinar-se com nomes que derivam de estados, por estes serem [-dinâmico].

(ii) Como o verbo *fazer* se encontra subespecificado para o traço [mudança], pode combinar-se com nomes que denotam processos ou processos culminados, que irão valorar um desses traços: [-mudança], com um nome de processo, e [+mudança], com um nome derivado de um processo culminado.

(iii) O verbo *dar* é especificado com o traço [-mudança], pelo que se combina com processos e pode combinar-se com processos culminados desde que lhes seja retirada a culminação. O valor negativo deste traço explica igualmente a impossibilidade da sua combinação com culminações.

(iv) *Fazer*, por não estar especificado quanto ao traço [causa], combina-se com processos culminados ([+causa]) e culminações ([-causa]).

(v) O facto de *dar* se encontrar subespecificado para o traço [causa] levaria a supor que este seria compatível tanto com processos culminados como com culminações. Ora, como mostrámos na secção anterior, apenas a primeira classe aspectual é compatível com o verbo em questão. Isto significa que a proposta apresentada sobregera possibilidades, já que *dar* não é compatível com culminações, embora os traços prevejam essa combinatória.

(vi) Enquanto *dar* está subespecificado para o traço [instant], permitindo a ocorrência de pontos, *fazer* mantém o valor [-instant] do verbo pleno correspondente, excluindo assim nomes que denotam pontos.

(vii) O verbo leve *ter* combina-se com todas as classes de nomes predicativos, dado que todos os seus traços estão subespecificados.<sup>8</sup>

<sup>8</sup>A subespecificação de traços é distinta da noção de *semantic bleaching*, associada a gramaticalização. Assim, quando ocorre um verbo leve, mesmo *ter*, não se registam as restrições sobre operações sintácticas (pseudo-clivagem do argumento interno, por exemplo) nem sobre o tempo verbal observadas em expressões resultantes de gramaticalização:

- (i) a. Os turistas tiveram uma viagem agradável.
- b. O que os turistas tiveram foi *uma viagem agradável*.
- c. Os turistas terão uma viagem agradável.
- (ii) a. Aquele treinador tem o rei na barriga.
- b. \*O que aquele treinador tem na barriga é *o rei*.
- c. ??Aquele treinador terá o rei na barriga.

### 4.3. Derivação das propriedades aspectuais do predicado complexo: uma ilustração

Nesta secção, ilustraremos a derivação das propriedades aspectuais de predicados complexos que integrem o verbo leve *dar*.

Se o referido verbo se combinar com um nome que denota um processo, a derivação das propriedades aspectuais de todo o predicado complexo procede como em (52):

(52) a. dar um passeio

b. dar<sub>leve</sub>: [+dinâmico], [± mudança], [± causa], [± durativo], [± instant]

c. passeio: [+dinâmico], [- mudança], [- causa], [+ durativo], [-instant]

d. dar um passeio: [+dinâmico], [- mudança], [- causa], [+ durativo], [-instant]

Neste caso, os dois elementos que compõem o predicado complexo partilham o valor do traço [dinâmico]. Como os outros traços do verbo leve se encontram subespecificados, a sequência <V<sub>leve</sub> + N> herda os valores especificados nos traços do nome.

Se, por sua vez, o verbo leve *dar se* combinar com um nome que denota um estado, a derivação das propriedades aspectuais do predicado complexo é a ilustrada em (53):

(53) a. \*dar uma estada no Brasil

b. dar<sub>leve</sub>: [+**dinâmico**], [± mudança], [± causa], [± durativo], [± instant]

c. estada: [-**dinâmico**], [-mudança], [-causa], [+durativo], [-instant]

A exclusão desta sequência decorre do conflito entre os valores do traço [dinâmico]: [+dinâmico] para o verbo leve; [-dinâmico] para o nome que denota um estado.

### 4.4. A formação do predicado complexo

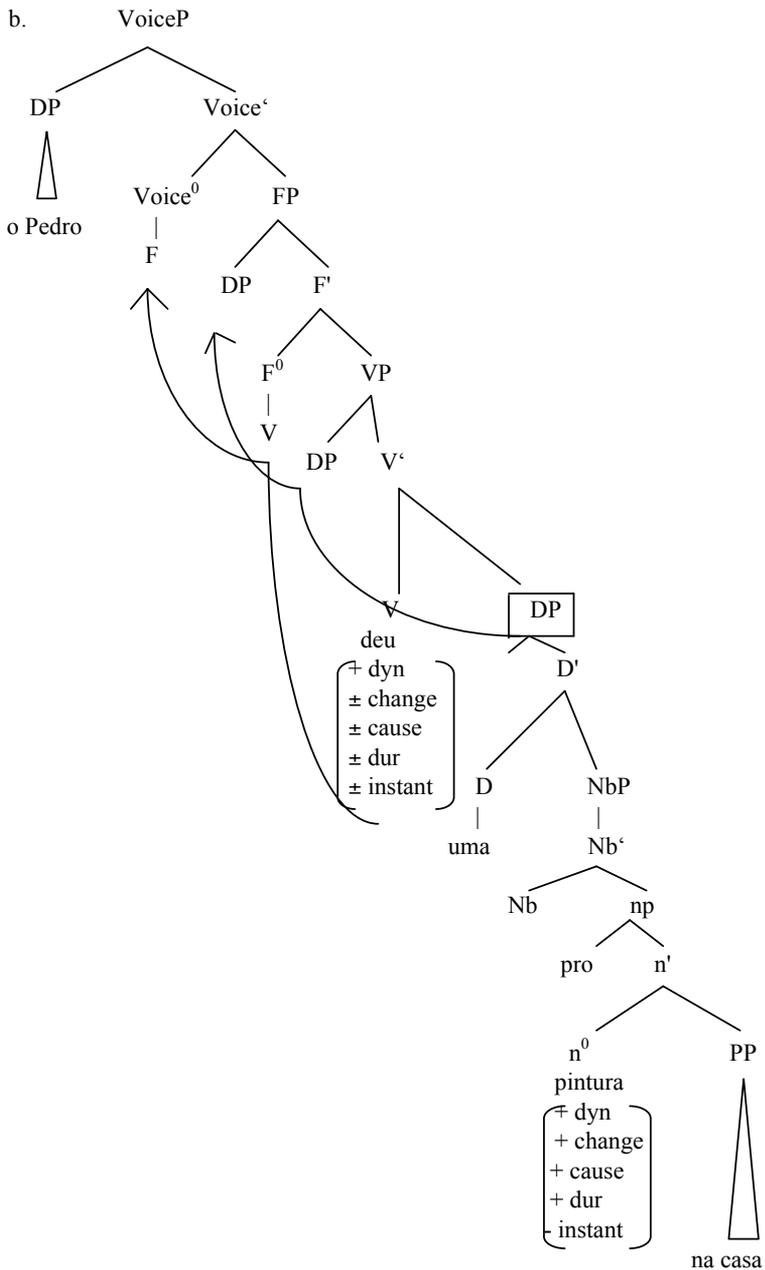
As hipóteses que colocaremos são as de que o predicado complexo é formado na sintaxe, depois de o verbo e o nome terem entrado na numeração com os seus traços formais inerentes. Defenderemos que os traços interpretáveis subespecificados do verbo leve são valorados por *checking* (verificação) /*agree* (concordância) contra os traços valorados do nome.

Assim sendo, e ignorando o passo em que as raízes se combinam, respectivamente, com o morfema verbalizador e o morfema nominalizador, a derivação de uma frase como (54a) será como em (54b). Note-se que o verbo leve selecciona dois argumentos, o externo, directamente inserido em [Spec, VoiceP], e o interno, que contém o nome deverbal. V e o seu argumento interno DP entram numa relação de *Agree*, pelo que os traços subespecificados do V são valorados pelo DP, cujos traços aspectuais foram herdados do núcleo nominal deverbal. Forma-se, então, o predicado complexo.

A projecção FP permite que o DP argumento interno verifique os seus traços casuais. Assim, (i) V move-se para F, a fim de verificar os traços não interpretáveis deste núcleo; (ii) o argumento interno DP move-se para [Spec, FP], para verificar o traço EPP de F, verificando, adicionalmente, os seus traços casuais.

Finalmente, V move-se ainda para Voice, para verificar os traços deste núcleo, entrando numa relação [Spec, Núcleo] com o argumento externo.

(54) a. O Pedro deu uma pintura na casa.



## 5. Conclusões

O objectivo central deste trabalho foi o de evidenciar as propriedades predicativas dos verbos leves, mostrando que o argumento interno directo, por eles seleccionado, desempenha um duplo estatuto; provido de conteúdo eventivo, qualifica-se ainda, nas construções descritas, como núcleo de um sub-evento seleccionado pelo verbo leve e os seus traços aspectuais são determinantes na computação do valor aspectual e da interpretação semântica do predicado complexo.

Os dados apresentados permitiram-nos verificar que, efectivamente, os verbos em análise não são elementos meramente funcionais nem verbos auxiliares, aproximando-se, antes, de verbos plenos. Sintetizando os resultados obtidos, podemos concluir que:

(i) os verbos leves são predicados, seleccionando argumentos e impondo restrições sobre as classes aspectuais dos nomes com que se combinam;

(ii) a sequência  $\langle V_{\text{leve}} + N \rangle$  forma um predicado complexo;

(iii) os verbos leves distinguem-se dos verbos plenos homónimos em virtude de alguns dos traços da sua estrutura aspectual se encontrarem subespecificados.

(iv) a formação do predicado complexo ocorre na sintaxe, por meio da operação *checking /agree* dos traços aspectuais interpretáveis não valorados do verbo leve

Defendemos ainda que, em termos semânticos, existe uma interacção entre as propriedades das nominalizações seleccionadas e algumas das características que os verbos leves herdaram dos verbos plenos correspondentes; as possibilidades de compatibilização dos verbos leves com as classes aspectuais de predicados nominais manifestam esse tipo de interdependência.

## Referências

- Abeillé, Anne, Daniel Godard & Ivan Sag (1998) Two Kinds of Composition in French Complex predicates In Erhard Hinrichs, E., A. Kathol & T. Nakazawa (eds.) *Complex Predicates in Nonderivational Syntax*. New York: Academic Press.
- Alsina, Alex (1996) *The Role of Argument Structure in Grammar*. Stanford, California: CSLI Publications.
- Butt, Miriam & Wilhelm Geuder (2001) On the (Semi)Lexical Status of Light Verbs In Norbert Corver and H. van Riemsdijk (eds.), *Semi-lexical categorie : the function of content words and the content of function words*. Mouton, pp. 323–369.
- Butt, Miriam (2003) The Light Verb Jungle. *Harvard Working Papers in Linguistics*, Vol 9: pp. 1-49.
- Cattell, Raymond (1984) Composite Predicates in English. *Syntax and Semantics 17*. Sydney: Academic Press.
- Corver, Norbert & Henk van Riemsdijk (eds.) (2001) *Semi-lexical Categories: On the Content of function words and the function of content words*. Berlin: Mouton de Gruyter.

- Diesing, Molly (1998) Light Verbs and the Syntax of Aspect in Yiddish. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics* 1(2), pp. 119-115.
- Duarte, Inês, Anabela Gonçalves & Matilde Miguel (2006) Verbos leves com nomes deverbais em português europeu In *Textos seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 315 - 328.
- Duarte, Inês, Matilde Miguel & Anabela Gonçalves (2009) Light verbs as predicates Tabu Dag. Ms.
- Dowty, David (1979) *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Reidel.
- Grimshaw, Jane (1990) *Argument Structure*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Grimshaw, Jane & Armin, Mester (1988) Light Verbs and  $\theta$ Marking. *Linguistic Inquiry*, 19-2, pp. 205-232.
- Gross, Maurice (1981) Les Bases Empiriques de la Notion de Prédicat Sémantique. *Langages*, 63, pp. 7-52.
- Harley, Heidi (2009) The morphology of nominalizations and the syntax of vP\* In Giannakidou, Anastasia & M. Rathert (eds.) *Quantification, Definiteness and Nominalizations*. Oxford: Oxford University Press, pp. 321–343.
- Hinrichs, Erhard, A. Kathol & T. Nakazawa (1998) (orgs.) *Complex Predicates in Nonderivational Syntax*. Syntax and Semantics 30. San Diego: Academic Press.
- Hook, Peter (1974) *The Compound Verb in Hindi*. University of Michigan: Center for South and Southeast Asian Studies.
- Kratzer, Angelika (1996) Severing the External Argument from the verb. In Rooryck, J. & L. Zaring (eds.) *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer, pp. 109-137.
- Marín, Rafael & Louise McNally (2009) *From Psych Verbs to Nouns*. Madrid: International Workshop ‘Events across Categories’. Ms.
- Moens, Mark (1987): *Tense, Aspect and Temporal Reference*. University of Edinburgh, PhD. Dissertation.
- Oliveira, Fátima, Luís Filipe Cunha, Fátima Silva & Purificação Silvano (2009) Some Remarks on the Aspectual Properties of Complex Predicates with Light Verbs and Deverbal Nouns. Ms.
- Rooryck, Johan & L. Zaring (eds.) (1996) *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer.
- Rosen, Sara (1990) *Argument Structure and Complex Predicates*. New York: Garland.
- Samek-Lodovici, Vieri (2003) The Internal Structure of Arguments and its Role in Complex Predicate Formation. *Natural Language & Linguistic Theory*, 21, pp. 835-881.
- Scher, Ana Paula (2005) As Categorias Aspectuais e a Formação de Construções com o Verbo Leve Dar. *Revista GEL*, V. 2, pp. 9-38.
- Smith, Carlota (1991) *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Vendler, Zeno (1967) *Linguistics in Philosophy*. Ithaca / London: Cornell University Press.